

# A perversão e a clínica psicanalítica

Rolando Karothy  
Lazos Institución Psicoanalítica de La Plata

Em uma clara diferença com o neurótico, o perverso não se sente dividido e seu ato consiste em dividir o outro. O perverso “imagina-se ser o Outro para garantir seu gozo”<sup>1</sup>, o que significa que – embora pareça desafiar a lei – está longe de ser um transgressor já que seu ato não pretende extrapolar um limite, mas sim pôr em relevo a verdade do proibido – verdade não expressa da proibição – que se chama gozo.

O propósito do ato perverso é produzir esse gozo e, desse modo, mostrar o núcleo de verdade da lei, sua natureza obscena e feroz – quer dizer, superegoica – dissimulada sob a aparência do interesse no bem comum. O conceito de supereu, que evoca essa dimensão irracional, insensata e arbitrária da lei, seria impensável sem a clara ilustração desse conceito que a perversão provê.

O perverso não está ao serviço da transgressão porque ele, em realidade, serve ao limite. Com efeito, o ato perverso pretende mostrar que não há outro limite, outro fundamento para a proibição do gozo que o próprio gozo e, desse modo, testemunhar que não existe nada fora da lei que não seja a própria lei porque ela é o excesso; excesso que não é outra coisa que a ordem simbólica que vem perverter a natureza. O perverso pretende demonstrar que não existe estado “natural” do homem que não seja o da lei, que em sua essência é perversa, e é por isso que ele se coloca como um praticante da verdade.

A estrutura perversa não se define pela busca da transgressão, mas sim pelo gozo do Outro. Então, o perverso precisa do Outro para que seu ato lhe proporcione o que busca. O importante não é a extrapolação do limite, mas sim o ato de forçá-lo, de apoiar-se nele mais que ir para além dele. Por isso o limite deve estar aí, vigente. Tudo isso não somente faz do perverso – apesar das aparências – um religioso, um crente, mas o próprio paradigma do crente.

O perverso consegue articular gozo e saber para se posicionar como um pretense saber-fazer com o gozo, e essa articulação é o motivo do caráter rotineiro que o distingue. Com seu saber-fazer pode se apresentar como um apaixonado pela verdade, verdade da castração que pratica ativamente sobre seu companheiro em benefício do gozo do Outro. O testemunho perverso é de amor pela verdade e gozo do saber, diferentemente da postura do neurótico quem ama o saber, porém experimenta horror pela verdade de sua castração que o remete à do Outro e à impossível consistência deste.

O perverso se afirma em sua determinação de tomar o lugar de objeto para, desse modo, negar sua divisão subjetiva. O ato – que produz horror ao neurótico – é para ele o único meio de pôr em jogo essa determinação que é sua desmentida em ato da castração. No entanto, existe algo comum à neurose e à perversão: a castração opera seus efeitos em ambas de modo que a divisão subjetiva é inevitável e a relação sexual, impossível no real, tem de ser simbolizada, metaforizada de algum modo.

Porém, o imperativo do fantasma sadecano, antes que sua encenação no imaginário das cenas sexuais é, de entrada, um mandato feroz, superegoico: “Tem de gozar”.

---

1 Jacques Lacan: “Subversion du sujet et dialectique du désir dans l’inconscient freudien”, em *Écrits*, Ed du Seuil, Paris, 1966, pág. 824.

Neste ponto é onde se situa a posição singular do perverso com relação ao corpo e ao gozo: “[o perverso] sabe recordar esse gozo aí; porém, é para demonstrar (precisamente por não chegar aí, e sim para exaltar por sua simulação uma figura demonstrativa) o que sucede a todos com o corpo, que ele seja justamente esse deserto”.<sup>2</sup>

### **O estandarte fantasmático do perverso**

O anelo perverso é a busca incessante de tirar a barra do Outro, quer dizer, de desmentir que o corpo, na medida em que simboliza o Outro, possa ser “percebido como separado do gozo”.<sup>3</sup> A proposição da perversão poderia ser formulada deste modo: *restituamos o gozo ao corpo!* Este é o “estandarte” fantasmático sob o qual executa suas práticas; seu esforço consiste em “dar a ver e a acreditar... que o gozo pode tornar a habitar o corpo”.<sup>4</sup> Se a inconsistência lógica do Outro é o que recebe o nome de castração, então o perverso se consagra a desmenti-la.

Agora, se para o perverso se trata de anular a incompatibilidade entre corpo e gozo, pode-se dizer que ele faz essa anulação por intermédio da posta em ato de uma encenação na qual procura a reunião do gozo com o corpo. Em outras palavras: essa encenação tenta mostrar a possibilidade da relação sexual entre o Um e o Outro.

“Garantir o gozo do Outro”<sup>5</sup> é o nome que Lacan dá a esse propósito de tornar compatíveis corpo e gozo. Para isso, o perverso se coloca no lugar preciso dessa disjunção, no campo do Outro entre o corpo e o gozo e, com essa colocação tenta fechar a brecha do desejo, que se confunde com o gozo. Daí que surja a angústia em seu *partenaire* na encenação, angústia que pode ser caracterizada como o propósito último da perversão.

Para alcançar isso, na lógica de seu fantasma, o sujeito perverso se torna objeto, reduz-se àquilo que no jogo significante é perda, quer dizer, *a*, refúgio do gozo: “o objeto *a* é essa parte do corpo onde o gozo pode refugiar-se”<sup>6</sup>, a parte do corpo que cai, que se elide e que, então, inscreve-se como um lugar fora do corpo. Já em seu seminário *A*

---

2 Jacques Lacan: “La psychanalyse dans ses rapports avec la réalité”, em *Scilicet*, N° 1, Ed. du Seuil, Paris, 1968, pág. 58.

3 Jacques Lacan: *Le Séminaire, Livre XVI: D’un Autre a l’autre*, lição de 23 de abril de 1969, inédito (EFBA).

4 *Ibid.*

5 Jacques Lacan: “Subversion du sujet et dialectique du désir dans l’inconscient freudien”, em *Écrits*, Ed. du Seuil, Paris, 1966, pág. 825 (“Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano”, em *Escritos 2*, Siglo Veintiuno editores, México, 1993, pág. 805).

6 Jacques Lacan: *Le Séminaire, Livre XIV: Logique du fantasme*, lição de 14 de junho de 1967, inédito.

*angústia*, de 1962-1963, Lacan chama o objeto *a* “a reserva última irreduzível da libido”.<sup>7</sup> Porém, para alcançar o propósito assinalado, o perverso precisa localizar o objeto inapreensível, o objeto-ausente, e envolvê-lo nas miragens imaginárias – a aparência fascinante e ao mesmo tempo horrorosa que apresenta ao outro – onde pretende afirmar seu saber-fazer com o gozo. Assim, pelo rodeio do imaginário, faz consistir o objeto sempre ausente.

É-lhe preciso por isso “imaginar-se ser o Outro”<sup>8</sup>, quer dizer, identificar-se – maciçamente – com a falta do Outro, sua castração, para supri-la imediatamente por meio de uma obstrução: ele próprio é o objeto que a obtura. Este é o meio “prático” do perverso para assegurar o gozo do Outro: tornar-se “o instrumento”<sup>9</sup> desse gozo fazendo uma “reposição” do objeto *a* – que é condensador do gozo (perdido) – ao Outro castrado, quer dizer, esvaziado de gozo.

Se esse objeto pode ser considerado o caído, o resto da operação significativa, o perverso confia em que não haja perda, ou, mais ainda, confia em que – caso ela se produza – não tenha efeitos sobre o sujeito. Trata-se de restituir a integridade do Outro, para o qual o perverso se cria um Outro sob medida para, desse modo, garantir um gozo sem perda. Nesse sentido, ele não é incauto (*dupe*) frente ao sexual, ele *des-mente*: diferentemente do neurótico, não mente nem se mente, desmente a falta do Outro. É como tenta obturar o fato de que o objeto é o produto da operação significativa, desmentindo-o como resto inassimilável e suscitando-o para inscrevê-lo no Outro. Para alcançar isso, constrói cenários ao mesmo tempo fascinantes e horrorosos nos que procurará *dar a ver* o que não se pode ver. Sempre com o propósito último de que não apareça o mais abjeto: a castração da mulher, que deve ficar oculta.

O perverso se reflete no Outro, dando-lhe consistência; porém, como instrumento deste último não pode deixar de se aniquilar nele, o que explica que a posição perversa básica é o masoquismo.

Para o perverso, por outro lado, o gozo do Outro não constitui nenhum enigma: ele está na posição de quem sabe fazer com dito gozo e, portanto, não precisa produzir um saber sobre o desejo inconsciente. Em sua estrutura, o saber está presente sempre como um saber que, na medida em que não o produz, é também intransmissível. Então, a posição do perverso é semelhante a de um “iniciado”, possuidor de um saber inefável, intransmissível. Com ele pode se consagrar a um ato que tem características muito particulares: é um ato no qual, diferentemente do ato em geral, não se alcança nenhum saber sobre o que se é como sujeito. O perverso se coloca do lado do objeto, parece saber fazer com o gozo do Outro e por isso coloca a castração sobre o *partenaire*.

### **A pulsão não é a perversão**

7 Jacques.Lacan: *Le Séminaire, Livre X: L'angoisee*, lição de 16 de janeiro de 1963.

8 Jacques Lacan: “Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien”, em *Écrits*, Ed. du Seuil, Paris, 1966, pág. 825 (“Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano”, em *Escritos 2*, Siglo Veintiuno editores, México, 1993, pág. 805).

9 *Ibid.*, pág. 823 (*Ibid.*, pág. 803).

O essencial da perversão não é a satisfação “direta” da pulsão e sim o modo em que o sujeito se coloca: “A pulsão não é a perversão. O que constitui o caráter enigmático da apresentação de Freud consiste precisamente em que ele quer nos dar uma estrutura radical – na qual o sujeito não está em absoluto ainda colocado. Pelo contrário, o que define a perversão é justamente a maneira como o sujeito se coloca ali”.<sup>10</sup>

O sujeito da pulsão é “acéfalo”, pois ele é pura atividade, traçado circular que se limita a fazer o rodeio (*tour*) ao redor do objeto sem chegar a possuí-lo porque o que procura é deixar o rastro desse percurso, não alcançar a meta: “A atividade pulsional do sujeito se consagra a rodear seus objetos para retomar isso e restaurar sua perda original”.<sup>11</sup> Na perversão, ao contrário, o sujeito se assume como objeto, quer dizer, coloca-se no lugar do objeto que a pulsão rodeia. Nesse sentido, o objeto não é já o objeto perdido causa do desejo; ele é o instrumento para a restauração do Outro; não é causa do desejo e sim instrumento para desmentir a ex-sistência da causa. O importante é rejeitar nos fatos que a ordem simbólica produz a divisão do sujeito por carecer do significante que possa dizer o gozo.

Com seu ato, o perverso então tentará sustentar a ficção de que não é o significante quem produz essa divisão mas sim *ele* como objeto, colocando do lado de seu *partenaire* o sujeito dividido que é quem “não entende”, fica angustiado e pergunta. E assim, de uma maneira paradoxal, ele tenta que a castração fique oculta como dado de estrutura – a falta do Outro que se escreve S(A barrado) – detrás da aparência de que ele como objeto é seu executor.

Considerar o perverso – em uma cena – como alguém reduzido a instrumento que o fixa em sua tarefa permite captar, no sentido estrito, que ele não goza. Em 1967, Lacan diz: “Basta ter praticado com um exibicionista para perceber claramente que não se compreende nada do que, na aparência, eu não diria que o faz gozar – já que ele não goza – porém o faz, pelo menos, e com a única condição de dar o passo que acabei de mencionar, isto é, de que o gozo de que se trata seja o do Outro, com A maiúsculo.”<sup>12</sup> A afirmação é categórica: o perverso não goza. Em 1963, Lacan o antecipava: “O perverso não sabe gozar.”<sup>13</sup>

Não há dúvida de que se trata de uma formulação extrema. O central a sustentar é que o perverso trabalha com a finalidade de conseguir a eficácia máxima: está imerso em uma lógica utilitária na qual ele se confunde com seu instrumento, de fato ele *é* seu instrumento e não goza, pois seu propósito é produzir o gozo do Outro, não o próprio. Porém, ele ignora isso completamente – essa é a dimensão inconsciente da perversão –;

---

10 Jacques Lacan: *Le Séminaire. Livre XI. Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Ed. du Seuil, Paris, 1973, pág. 165.

11 *Ibid.*, pág. 165.

12 Jacques Lacan: *Le Séminaire, Livre XVI: D'un Autre à l'autre*, lição de 26 de março de 1969, inédito (EFBA).

13 Jacques Lacan: *Le Séminaire, Livre X: L'angoisse*, lição de 27 de janeiro de 1963.

e essa ignorância revela o lado da perversão que sempre permanecerá como o impossível de ser subjetivado: “Para dizer tudo, o perverso não sabe [...] a serviço de que gozo exerce sua atividade. Não é, em todos os casos, a serviço do próprio gozo”.<sup>14</sup> O que ele ignora é que trabalha para o Outro, para o gozo dele: “Vocês (os neuróticos) não se consagram à tarefa de que o Outro – quer dizer, eu não sei quanto de cego e talvez de morto – goze. Mas, o perverso se interessa por isso. É assim. Ele é um defensor da fé.”<sup>15</sup> Agora, é possível subjetivar algo desse gozo? Inscreve-se ali, também para ele, um mais-de-gozar? No seminário De um Outro ao outro, de 1969-1970, Lacan aborda essa redução de ordem estrutural do sujeito à categoria de objeto: o perverso se faz objeto *a* para restituir ao Outro justamente esse objeto do qual ele teria ficado descompletado pela operação significante.

Por isso, pode-se afirmar que o perverso tenta não ser afetado pelo *não-todo* do gozo feminino, permitindo ficar imerso fantasmaticamente em uma lógica do *todo*. Desmente o *não-todo* procurando tornar válida a afirmação de que o Outro como *todo* existe, e por isso seu gozo é *tudo*, todo suscetível de ser apreendido. Então, o que não pode admitir é que a feminidade seja *não-toda* e que o Outro esteja furado, isto é, que em última instância não exista. Sua desmentida não cessa de estar orientada a ambas afirmações. É desse modo que tenta produzir, concretizar, entificar esse gozo arrancando-o de seu *partenaire*.

### Um fiel servidor de Deus

Todo perverso, ainda que faça profissão explícita de ateísmo, é um fiel servidor do Outro divino, tentando fazer com que ele exista, dando-lhe consistência na medida em que Deus pode ser um nome do gozo que se tenta tornar possível, do gozo do Outro para além do falo, que se pode colocar tanto do lado de *La* mulher como do pai mítico da horda: “Esse gozo que se experimenta e do qual nada se sabe, não é o que nos coloca no caminho da ex-sistência? E por que não interpretar um rosto do Outro, o rosto Deus, como suportado pelo gozo feminino?”<sup>16</sup>

De fato, a referência a Deus é central em *Kant com Sade* e no *Seminário X: A angústia*. Neste último, Lacan formula uma tese central: “a angústia que está em questão da perspectiva do perverso é, no fundo, a de [...] Deus [...] o perverso se dá a um trabalho louco, considerável, esgotador – até fracassar em seu objetivo – para realizar o que, graças a Deus é o caso de dizer, Sade nos poupa de ter que reconstruir; pois ele o articula como tal a fim de realizar o gozo de Deus.”<sup>17</sup> Essa afirmação pode ser relacionada com a evocação que Lacan faz do lugar que o Marquês de Sade ocupa na ficção, o *Ser-supremo-em-Maldade*; em proveito do qual e sem saber, o libertino

14 *Ibid.*

15 Jacques Lacan: *Le Séminaire, Livre XVI: D'un Autre à l'autre*, lição de 26 de março de 1969, inédito (EFBA).

16 Jacques Lacan: *Le Séminaire, Livre XX: Encore*, Ed. du Seuil, Paris, 1975, pág. 71.

executa sua tortura, assanhando-se com sua vítima até os infernos eternos: “Quando o gozo se petrifica nele [no fantasma sadeano], [o libertino, reduzido ao instrumento de sua tortura] se converte no fetiche-negro em que se reconhece a maneira claramente oferecida naquele tempo e lugar, e ainda em nossos dias, para que nela se adore o deus”.

18

Como emana de seus textos, Sade promove a exigência de extrapolar o limite do prazer – limite ao qual se cingem os libertinos da época – para instaurar uma lei moral mais severa, cuja ordem se resume em: “tem de gozar, é uma obrigação.” Tem de gozar porque é assim que exige a Natureza que quer gozar e nada deve obstaculizar seu gozo destrutor. A Natureza exige o crime e a destruição; no entanto, sendo ela mesma quem impõe desse modo, então não pode existir crime contra ela. Portanto, seu estatuto é o da mãe divina, finalmente intocável. Na obra do Marquês, a destruição generalizada, a apologia sistemática do mal, a valorização universalizante do crime não cessam; mas tudo isso, paradoxalmente, para afirmar o lugar e a presença do Outro divino. Insultar Deus, zombar dele, ultrajá-lo, colocá-lo como testemunha do mal feito sem considerações – com a mais absoluta *a-patia* – não são outra coisa que diferentes maneiras de lhe dar consistência, de fazer com que ele exista. Sem Deus, o dispositivo sadeano cai: “O Ser supremo é restaurado no malefício”.<sup>19</sup> Em Sade, Deus não desaparece; na verdade, ele mostra seu verdadeiro rosto: ele é o Mal.

Essa é uma afirmação essencial para compreender toda lógica fantasmática perversa. Nela, o desejo do Outro adquire o caráter de “vontade do gozo”<sup>20</sup> da qual o perverso é o executor fiel e implacável. Nesse contexto, por vontade se deve entender “a ordem de uma razão puramente prática”.<sup>21</sup> É a vontade que “domina todo o assunto”<sup>22</sup>, mas não é a vontade do sujeito e sim a do Outro, apresentando-se assim como a voz da consciência, imperativa, ou seja, incondicional, como voz que não interroga e sim manda.

Isso traz importantes consequências clínicas. O desejo do Outro retorna sempre ao sujeito sob a forma de um *Che vuoi?*, pergunta que “conduz melhor ao caminho de seu

---

17 Jacques Lacan: *Le Séminaire, Livre X: L'angoisse*, lição de 6 de junho de 1963, inédito (EFBA).

18 Jacques Lacan: "Kant avec Sade", em *Écrits*, Ed. du Seuil, Paris, 1966, pág. 772 ("Kant com Sade", em *Escritos 2*, Siglo Veintiuno editores, México, 1993 pág. 752).

19 *Ibid.*, pág. 770 (*Ibid.*, pág. 750).

20 *Ibid.*, pág. 773 (*Ibid.*, pág. 753).

21 *Ibid.*, pág. 767 (*Ibid.*, pág. 747).

22 *Ibid.*, pág. 775 (*Ibid.*, pág. 755).

próprio desejo”<sup>23</sup>. Esse retorno ao “próprio desejo” como o específico da neurose é o que o perverso tenta suprimir: ao *Che vuoi?* do neurótico, na perversão corresponderia um “O que é que ele quer?”<sup>24</sup>, esse Outro, o que é que ele quer? A resposta a essa pergunta existe previamente: ele quer o gozo, essa é sua lei, é um “imperativo moral [...] já que é do Outro que sua ordem nos requer”.<sup>25</sup> Diante dessa ordem, o perverso assume o lugar do executor, tornando-se objeto para cumprir com o imperativo, frio, sem consideração da vontade do Outro. É às ordens dessa última que ele trabalha, se dedica e jamais renuncia. Não é de se surpreender então que tal ou qual sujeito perverso seja... moralista, muitas vezes não sem talento nem sucesso na história das ideias de sua época. Não é surpreendente porque o perverso é o moralista por excelência, pois ele faz de seu ritual a posta em ato de sua submissão à lei moral, lei que exige a eliminação de tudo o que a obstrui, de tudo o que é patológico – o que tem a ver são os sentimentos – em termos kantianos.

Essa finalidade de restituir *a* a *A* barrado faz da perversão uma modalidade de “suplência”: “na perversão, é o próprio sujeito que se ocupa de suprir essa falha do Outro”.<sup>26</sup> Suplência em ato onde o “mais-de-gozar” é revelado, é colocado em evidência. O termo suplência indica essa função ativa que o objeto cumpre, objeto que é isso que o sujeito “se faz” em seu fantasma.

A utopia perversa se baseia na meta – impossível de ser alcançada – de reduzir todo o espaço do desejo ao gozo. Porém, nesse sentido, no seminário *O objeto da psicanálise*, Lacan observa: “Fico surpreso pelo fato de que ninguém tenha advertido o uso do verbo *Vermissen* no artigo de Freud sobre fetichismo, no qual se pode observar que ele é empregado três vezes para indicar a falta no sentido subjetivo, no sentido em que o sujeito fracassa em seu assunto (o assunto é fazer com que o Outro goze)”<sup>27</sup>.

Sempre há fracasso no ato perverso, fracasso que depende de sua própria lógica, sustentada na crença absoluta de que o Outro é incompleto mas não inconsistente – o que abre imaginariamente o inventário dos meios para completá-lo – e que a incompatibilidade corpo-gozo é contingente, relativa, resultado do acaso ou da covardia, mas não de um fato da estrutura.

---

23 Jacques Lacan: “Subversion du sujet et dialectique du désir dans l’inconscient freudien”, em *Écrits*, Ed. du Seuil, Paris, 1966, pág. 814 (“Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano”, em *Escritos 2*, Siglo Veintiuno editores, México, 1993, pág. 794).

24 Jacques Lacan: “Kant avec Sade”, em *Écrits*, Ed. du Seuil, Paris, 1966, pág. 775 (“Kant com Sade”, em *Escritos 2*, Siglo Veintiuno editores, México, 1993, pág. 755).

25 *Ibid.*, pág. 770 (*Ibid.*, pág. 750).

26 Jacques Lacan: *Le Séminaire, Livre XVI: D’un Autre à l’autre*, lição de 23 de abril de 1969, inédito (EFBA).

27 Jacques Lacan: *Le Séminaire, Livre XIII: L’objet de la psychanalyse*, lição de 17 de dezembro de 1965, inédito.

